

ARTIGO ORIGINAL

ENTRE ESTIGMAS E POSSIBILIDADES: SER VELHO NAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

BETWEEN STIGMAS AND POSSIBILITIES: AGING IN LONG-TERM CARE FACILITIES FOR THE ELDERLY

Nathália dos Santos Dutra¹ Myriam Moreira Protasio² Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo³

¹ Graduada em Psicologia. Mestre em Psicologia Social. Professora da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Conselheiro Lafaiete – FUPAC CL vinculada ao departamento de Psicologia. E-mail: nathalia.dutra@unipac.br

² Graduada em Psicologia. Doutora em Filosofia. Professora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN vinculada ao departamento de Psicologia Clínica. E-mail: myprotasio@yahoo.com.br

³ Graduada em Psicologia. Doutora em Psicologia. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro vinculada ao departamento de Psicologia Clínica. E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Resumo

Sabe-se que o envelhecimento populacional é um acontecimento significativo na atualidade e que as alternativas de moradia para os velhos colocam em evidência e discussão as Instituições de Longa Permanência para idosos (ILPIs). Percebe-se a necessidade de ampliar o olhar para as experiências nas ILPIs para além dos conceitos generalistas, assim como compreender as tensões existenciais e históricas que atravessam a vivência dos velhos em tais moradias. Assim, o objetivo deste artigo é traçar compreensões sobre as experiências de velhos que residem em tais moradias. Para tanto, primeiramente, será apresentada uma pesquisa bibliográfica sobre o modo como são compreendidas as ILPIs correntemente. Em seguida, serão elencados outros modos de compreensão, ainda por meio de pesquisa bibliográfica, mas também recorrendo à literatura, no texto *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe. Com essa investigação, assinala-se outros modos de pensar o recurso às ILPIs, para além das veiculadas pelo senso comum, para o acolhimento dos adultos mais velhos. É possível concluir que os estudos sobre as formas de lidar com o envelhecimento, bem como as adaptações que se fazem necessárias para manter vivo o compromisso com a dignidade da pessoa frente ao viver e o morrer, devem sempre se afinar com a realidade social e política de cada tempo, assim como deve considerar as experiências singulares daquele que está envelhecendo.

PALAVRAS-CHAVE

Experiências. ILPIs. Psicologia. Gerontologia. Geriatria.

Abstract

*It is known that population aging is a significant event today. Housing alternatives for the elderly highlight and discuss long-stay institutions for the elderly (ILPIs). There is a need to broaden the perspective of experiences in ILPIs, beyond general concepts, as well as to understand the existential and historical tensions that cross the experience of the elderly in such dwellings. Thus, the objective of this article is to outline understandings about the experiences of the elderly who live in such houses. To do so, firstly, bibliographical research will be presented on how ILPIs are currently understood. Then, other modes of understanding will be listed, still through bibliographical research, but also using literature, in the text *The machine to make Spanish*, by Valter Hugo Mãe. With this investigation, other ways of thinking about the use of ILPIs are highlighted, in addition to those conveyed by common sense about the reception of older adults. It is possible to conclude that studies on ways of dealing with aging, as well as the adaptations that are necessary to keep alive the commitment to the dignity of the person in the face of living and dying, must always be in tune with the social and political reality of each time, as well as considering the unique conditions of those who are aging.*

KEYWORDS

Experiences. ILPIs. Psychology. Gerontology. Geriatrics.

1 Introdução e objetivo

O Brasil e o mundo vivenciam um envelhecimento populacional muito significativo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2025, existirá aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos. Até 2050, haverá dois bilhões, 80% nos países em desenvolvimento, com a tendência de aumentar ainda mais. No entanto, a velhice e o envelhecimento¹ ainda são fenômenos tabus na sociedade e há uma tentativa de preparação para que as gerações do futuro tenham um envelhecimento digno, ativo e participativo. Sabe-se que tal propósito é desafiador para a sociedade, visto que houve uma mudança histórica com relação à população demográfica, percebendo-se, na contemporaneidade, uma maior atenção para a pessoa mais velha² e para as questões que rodeiam a saúde, moradia, acessibilidade, direitos e segurança da população envelhecida.

Sobrinho e Osório (2021) revelam que a velhice está atrelada à estigmatização e imagem fragilizada, principalmente quando se trata das Instituições de Longa Permanência para idosos (ILPIs). Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) (Brasil, 2005), na Resolução da Diretoria Colegiada 283, as ILPIs agrupam instituições governamentais e não governamentais, de natureza residencial, destinadas à moradia coletiva de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condições de liberdade, dignidade e cidadania. A Anvisa estabelece, ainda, que a ILPI deve ser um lar especializado, com dupla função – proporcionar assistência gerontogeriátrica, conforme o grau de dependência dos residentes, e oferecer, ao mesmo tempo, ambiente doméstico, aconchegante, capaz de preservar a intimidade e a identidade dos residentes. Vale ressaltar que as ILPIs eram referenciadas pelos termos “asilo” e “albergue”, todavia tais expressões tornaram-se discriminatórias ao refletir a ideia de recolhimento e pobreza, desse modo, adotou-se um nome técnico para tal possibilidade de moradia.

Silva, Mendonça e Gutierrez (2018) apontam que as ILPIs são os modelos de moradia mais comuns de assistência aos idosos, apesar dos preconceitos relativos ao processo de institucionalização. De acordo com Dutra (2017) e Sposato, Morais e Lage (2019), ao analisar as legislações que norteiam as políticas dos idosos, pensando no Estatuto do Idoso (2013) e a Lei 8.842 (1994), que se refere à Política Nacional do Idoso, há um tipo de envelhecimento considerado vulnerável: aquele que se refere à velhice institucionalizada. A fragilidade do idoso, nesse caso, vem atrelada à “inexistência de grupo familiar, casa-lar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família” (Estatuto do Idoso, p. 19). Associada a tal vulnerabilidade e articulada ao envelhecer em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), percebe-se uma concepção de envelhecimento carregada de sentido negativo em tais locais (Dutra, 2017).

Justo e Rozendo (2010) analisaram o conteúdo do Estatuto do Idoso no que se refere à imagem e percepção de idoso que se faz presente no documento. Através da análise de conteúdo, verificaram sete categorias que traziam representações da velhice: autonomia, carência, cidadania, dependência/invalidação, fragilidade, realização/potência e tecnologias de diferenciação (profissionais e serviços específicos para o idoso). Nesse estudo, verificou-se que as categorias mais recorrentes no Estatuto são aquelas que conectam a imagem do idoso à fragilidade e passividade (197 menções), invalidez (61 menções) e dependência e carência (51 menções), representações que distanciam o idoso de um processo ligado à autonomia, realizações e encontros

¹ A velhice aqui corresponde a uma construção social ainda repleta de preconceitos e o envelhecimento refere-se ao processo natural do desenvolvimento.

² Nos estudos já publicados, habitualmente, o termo utilizado é “idoso”, por isso, quando nos referimos a esses estudos, utilizamos esse termo. Já em nosso grupo de pesquisa, preferimos utilizar a palavra “velho” ou a expressão “pessoa mais velha”, por isso elas serão usadas quando estivermos nos referindo à nossa pesquisa.

com potenciais. No entanto, essas últimas se fazem presentes como ideal de velhice, devendo ser alcançada por ações dos próprios idosos, bem como do Estado e sociedade.

Os autores concluíram que a imagem da velhice está atrelada à dependência e incapacidade, sendo o velho, ainda, destinado a um espaço de segregação que requer cuidados especiais, pois é um corpo adoecido e frágil. Parece haver uma disparidade significativa no modo de perceber a velhice na modernidade como um envelhecimento saudável e a velhice nas ILPIs como uma velhice negativa, doente, carente e frágil. Dutra (2017), ao analisar cinco ILPIs do interior de Minas Gerais, notou que tal maneira de perceber o envelhecimento nesses locais se deu da mesma forma, corroborando com Justo e Rozendo (2010) e Sposato, Moraes e Lage (2019).

2 Objetivo

Pensando que as legislações que se referem ao velho traduzem uma percepção ligada à fragilidade, em especial, aos velhos que residem nas ILPIs, pode-se considerar, então, que essas pessoas carregam tal estigmatização quando, de fato, entram para as ILPIs, que traduz a ideia de abandono à velhice. Costa e Mercadante (2013) sinalizam a exclusão social do velho institucionalizado que, ao ser admitido numa ILPI experimenta um processo de perda de sua identidade prévia, uma vez que está afastado das relações que o formaram

No entanto, Graeff (2007) indaga se todo asilo seria uma instituição total, chamando a atenção para o fato de que, ao ler o livro de Goffman (2007) intitulado *Manicômios, prisões e conventos*, encontra-se lá o retrato de todos os lares, asilos, casas de repouso e albergues. Todavia, Graeff (2007) alerta que é preciso um distanciamento desse ponto de vista, para que se possam visualizar outras formas e características possíveis do comportamento do eu institucionalizado que não sejam aquelas já confirmadas por Goffman (2007).

Compreendendo tal estigmatização e diante dela, coloca-se a seguinte indagação: como a literatura especializada relata a experiência de institucionalização para velhos? Pode-se dizer, apenas, abandonados/descartados todos os velhos que residem em tais ILPIs? Experimentar a vida na Instituição poderia ser articulada como uma nova possibilidade de vida frente ao processo do existir?

Nesse sentido, este estudo busca, junto a artigos que trazem relatos de velhos residentes em ILPIs, perceber como eles se referiam a suas experiências de viver em tais locais para, dessa forma, ir além da proposta única de categorizar e classificar a(s) velhice(s) institucionalizada(s) apenas como um espaço sem possibilidades, destinado a pessoas frágeis, debilitadas e dependentes.

3 Metodologia

Para alcançar a problemática da pesquisa, ou seja, investigar e buscar novas compreensões sobre as experiências singulares a respeito dos estigmas e possibilidades do viver em ILPIs, pretende-se, em um primeiro momento, reconstruir aquilo que comumente se afirma sobre a institucionalização de velhos; posteriormente, no momento da destruição fenomenológica, o movimento será o de questionar as verdades estabelecidas pela medianidade cotidiana (Feijoo, 2021), dialogando com pesquisas que já buscaram colocar em suspenso essas verdades e recorrendo a um texto literário. O texto literário que dará suporte a esse estudo é o livro *A máquina de fazer espanhóis*, do autor Valter Hugo Mãe (2016). A escolha do livro se deu em virtude de, nele, constar a experiência de um velho em condições ameaçadoras de vida frente à perda da esposa e do próprio lar e, a partir de tais acontecimentos, viver novas possibilidades de existência. Inspiradas em Feijoo (2017), recorreremos à literatura por entender que “na literatura podemos acompanhar experiências que guardam um sentido que aparece no próprio viger da experiência” (p. 70), ou seja, que a sensibilidade do escritor, no caso Mãe, possibilita que o leitor se torne mais atento à problemática da institucionalização da velhice.

A escolha por essa obra em específico se deu por encontrarmos na trama exatamente o que procurávamos: uma narrativa em primeira pessoa que traz a experiência cotidiana de internação e adaptação a uma ILPI. O livro ainda traz um elemento que nos desafiou: a internação à revelia do senhor Silva (Mae, 2016). Nessa obra, o autor revela, por meio da experiência do personagem Antônio da Silva, o cotidiano asilar e as afetações dessas instituições de longa permanência no processo de vida/morte. É possível notar, na leitura, vários sentimentos experimentados a partir da entrada de Silva na instituição, os quais denotam diferentes atravessamentos no caminho da existência. Por fim, espera-se fazer a etapa da construção, na qual outras possibilidades de lidar com as ILPIs podem aparecer, anunciando outras formas de pensar sobre os estigmas e possibilidades que se apresentaram nas diferentes pesquisas analisadas, redirecionando respostas possíveis à questão das ILPIs na atualidade.

4 Discussões

4.1 Reconstruindo a história das ILPIs

Ao reconstruir historicamente a situação dos velhos em ILPIs, podemos acompanhar a gênese da ideia estigmatizada pelo senso comum de que essas instituições são lugares indesejados. Sabe-se que os asilos, atualmente ILPIs, surgiram na tentativa de solucionar a problemática das doenças, da pobreza e da mendicância, passando a abrigar pobres, mendigos, vagabundos e velhos. Creutzberg, Gonçalves e Sobottka (2008) afirmam que, inicialmente, os asilos atrelados à caridade e ao assistencialismo assumiram dupla funcionalidade, amparando aqueles que não possuíam família, recursos financeiros e que eram mentalmente enfermos.

Sousa (2011) e Silva, Mendonça e Gutierrez (2018) comungam do fato de que o cuidado aos idosos no âmbito institucional data da Grécia Antiga, na modalidade de *Gerontokomeion* (Γερντοκομειο – casa de repouso). Os dicionários, tanto em português como em latim, referem-se a gerontocômio como hospício, hospital, asilo, abrigo ou albergue para velhos. No ocidente, o primeiro gerontocômio foi fundado pelo Papa Pelágio II (520-590), já na era cristã. A partir do século X construíram-se as primeiras casas de caridade nos mosteiros. Desde então, há a função de filantropia da igreja na disseminação das instituições. Na época, os idosos eram invisíveis como grupo social, devido à sua baixa proporção na população e sua pequena participação no mundo do trabalho. Portanto, as instituições cuidavam de idosos pobres, sem ou com poucos recursos para subsistência, cuja visibilidade social era praticamente nula (Silva *et al.*, 2018). Posteriormente, na França, assiste-se ao movimento hospitalocêntrico de cuidados, com o nascimento do *Bureaux des Pauvres, as Aumônes, Charités e Hôtel-Dieu*, nos quais os miseráveis, entre eles os velhos, conseguiam encontrar acolhimento e alimentação em condições mínimas de existência.

Nos Estados Unidos, há também relatos que confirmam a existência de locais insalubres como abrigo de idosos. Gawande (2015) aponta um relatório de 1912, da Comissão de Instituições Benéficas do Estado de Illinois, em que há a descrição de um dos asilos do condado como “inadequado para abrigar sequer animais de maneira decente” (Gawande, 2015, p. 66). Já um relatório de 1999, do estado de Virgínia, descrevia idosos morrendo abandonados, recebendo alimentação e cuidados inadequados e, ainda, contraindo tuberculose devido à falta de prevenção. Segundo ele, não havia nada mais “aterrorizante para os idosos do que a possibilidade de ir para esses locais” (Gawande, 2015, p. 67).

Já no Brasil, a primeira instituição destinada exclusivamente ao combate de abandono dos velhos foi o Asilo São Luiz da Velhice Desamparada, surgido em 1797, no Rio de Janeiro, considerado uma instituição modelo para a época (século XVIII), com capacidade para 260 leitos (Sousa, 2011). Naquele período, a velhice era representada e simbolizada pela necessidade de caridade; fortalecendo tal representação, os jornais da época serviam como mediadores entre o Asilo e a sociedade, utilizando metáforas impactantes, como velhice desamparada e naufragos da vida, para despertar a piedade da sociedade e conseguir donativos (Groisman,

1999). É interessante ressaltar que Groisman (1999) faz menção ao modelo de instituição total, à semelhança do Asilo São Luiz, no qual os asilados rompiam os laços com o mundo externo, como se não houvesse outro lugar melhor para estar senão no asilo.

Apesar de, nas décadas de 1960 e 1970, o envelhecimento ser proeminente, pouco se abordava o assunto e, mesmo com a Constituição de 1988, pouca coisa mudou nesse contexto. Motta (2010) afirma que o olhar para a velhice tornou-se realidade apenas nas décadas de 1980 e 1990, quando o crescimento começou a ser percebido como um problema social. Uma das justificativas, assinalada por Motta (2010), para pensar dessa forma é que o crescimento de idosos e a diminuição de crianças e jovens pode afetar o sistema previdenciário, portanto, a economia capitalista e produtivista do mundo.

De acordo com Gawande (2015), a prosperidade da Era de Ouro dos Estados Unidos havia gerado constrangimento a respeito das condições precárias em que viviam os idosos nos abrigos. A partir do advento do Iluminismo, tais abrigos passaram a ser uma instituição única para velhos (Tomasini; Alves, 2007; Souza, 2003). Gawande (2015) sinaliza que, nas sociedades contemporâneas, a velhice e a enfermidade deixaram de ser uma responsabilidade compartilhada, multigeracional, e se tornaram uma experiência mais ou menos privada, algo a ser vivido em grande parte sozinho ou com a ajuda de médicos e instituições. Ele aponta que, no passado, sobreviver até uma idade avançada era raro e idolatrado, sendo os velhos respeitados e dignos de obediência.

No entanto, Gawande (2015) também revela que a maior longevidade provocou uma mudança no relacionamento entre jovens e velhos, afinal, quando os pais passaram a viver por muito tempo, começou a tensionar a dinâmica do sistema familiar. Segundo ele, para os jovens, o sistema familiar tornou-se menos uma fonte de estabilidade e mais uma luta pelo controle financeiro, dos bens e da vida. Ele ainda alerta que a prosperidade da Era de Ouro permitiu que os pobres tivessem acesso a casas de repouso com refeições decentes e serviços de saúde profissionais em função da existência de normas de cuidado e segurança. Mas, alerta o autor (Gawande, 2015), ainda “assim, a maioria de nós considera as modernas casas de repouso como lugares assustadores, desolados, até repugnantes para se passar a última fase da vida. Precisamos e desejamos algo mais” (Gawande, 2015, p. 68). Silva, Mendonça e Gutierrez (2018) afirmam que é possível que os estigmas associados ao processo de institucionalização tenham sido agenciados pelo histórico ligado ao acolhimento de pessoas idosas pobres e afastadas do bastidor social.

No Brasil, a discussão sobre os cuidados nas ILPIs ganhou ampla repercussão pública, em 1996, com a morte dos idosos da Clínica Santa Genoveva, no Estado do Rio de Janeiro, e o posterior engajamento da comunidade científica, como o da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, em estabelecer deliberativas técnicas sobre os cuidados de idosos nas ILPIs (Silva *et al.*, 2018 *apud* Sousa *et al.*, 2002). A partir daí, houve a promulgação do Estatuto do Idoso, em 2003, da RDC 283 da Anvisa, de 2005, e da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, em 2006, sistematizando diretrizes técnicas e operacionais que regulam os parâmetros mínimos da atenção ao idoso e o funcionamento das ILPIs brasileiras.

Contudo, o avanço legal dos cuidados aos velhos não agenciou as mudanças desejadas, especialmente pelo número alarmante de lares não regulamentados, notificações de abusos e maus-tratos e/ou aparente descompasso entre a operacionalização das políticas públicas e exigências sociais e de saúde dos velhos institucionalizados (Silva *et al.*, 2018 *apud* Almazo-Silva; Gutierrez, 2018).

4.2 Diferentes experiências de viver nas ILPIs

Goffman (2007) afirma que a institucionalização costuma trazer consigo uma série de prejuízos aos idosos, tais como perdas de autonomia, liberdade, identidade e segregação geracional. Por outro lado, estudos (Graeff, 2007; Mãe, 2016; Reis, 2018; Duarte, 2014; Dutra; Rodrigues, 2014; Soares *et al.*, 2018) mostram que alguns velhos podem encontrar na instituição um local de moradia, percebendo ali uma nova possibilidade de

viver e de ser cuidado, ainda que tal experiência seja tensionada por amplas dimensões: conforto, cuidados profissionais, afastamento da família, autonomia/restrição, criação de laços afetivos, solidão, apatia/indiferença, contato com o (des)prazer em atividades inovadoras etc. Questiona-se, então: será que se pode afirmar que os velhos que residem nas ILPIs teriam, apenas, uma experiência ruim ou negativa? Ou não poderíamos falar de velhos no plural e, sim, do velho/idoso em sua experiência singular?

É sabido que o homem é essencialmente um ser de relações e que, portanto, privá-lo desse direito corresponde a uma agressão contra sua integridade física e moral, impossibilitando-o de atingir sua condição humana e a possibilidade de viver em sociedade. Diante disso, a contradição desse processo, afirmada por Goffman (2007), encontra-se no fato de que, sob a justificativa da necessidade, são agredidos frontalmente outros direitos fundamentais desses indivíduos: a perda da liberdade.

Reis (2018), em sua tese de doutorado, teve como objetivo de pesquisa desvelar o sentido de ser-pessoa-idosa vivendo em uma ILPI da Bahia, a partir de uma compreensão fenomenológico-existencial ancorada no pensamento de Heidegger. A autora entrevistou doze idosos e, por meio de um movimento analítico hermenêutico, foram reveladas algumas unidades de significado, as quais desvelaram o ser-idoso-institucionalizado. Os idosos perceberam-se com uma vivência atravessada por uma perda progressiva de autonomia e independência; percebiam a ida para a ILPI como trajetória circunstancial inevitável; compreendiam-se como um ser-solitário; existindo em uma rotina vazia; viam a religiosidade/espiritualidade como estratégia de resiliência e conforto; bem como revelaram que tal experiência permitiu uma ressignificação de percepções diversas da vida, possibilitando atualizações diante da visão de mundo.

Uma das idosas apontadas pelo estudo de Reis (2018) mostra uma ressignificação relacionada ao modo de ser antes e após a vida na ILPI, a partir da fala:

Eu mudei muito aqui. Eu mudei pra melhor aqui [...] eu fiquei mais tranquila. Eu não era essa pessoa educada falando com você assim, gentil, não. Olha, eu era muito grossa ou então não queria falar simplesmente, entendeu? Eu fiquei bem mais educada. Eu me acho uma pessoa melhor depois que eu vim para cá. E, depois, eu não brigo mais, não fico mais zangada não. (Reis, 2018, p. 84)

Ao mesmo tempo, outra idosa do mesmo estudo aponta novos desejos perante o enfrentamento da institucionalização, como o questionamento sobre não ter se casado ou sobre não ter aproveitado mais do seu tempo com viagens e passeios:

Vivi muitas contradições, eu achei [...] será que eu quero mesmo ficar aqui? [...] ou é melhor eu ir viajar? eu aposentada, tenho dinheiro, não sobrando, mas tenho dinheiro o bastante para viajar. Mas viajar, viajar, viajar vai me levar a que? [...] nunca casei, mas vou casar agora. Agora eu estou querendo casar [...] eu preciso viajar, eu preciso conhecer gente, conhecer países [...] tem pouco tempo que passei a querer. Tem um ano. Acho que é o tempo que estou aqui [...] a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesma esses dias: por que, meu Deus, eu não queria viajar antes? Não sei. (Reis, 2018, p. 84)

Duarte (2014) realizou uma análise das teses e publicações referentes às ILPIs entre os anos de 1999 e 2010 e concluiu que é frequente o número de idosos que optam por viver em instituições, apesar de terem convívio familiar. Nesse sentido, Camarano (2007 *apud* Duarte, 2014) observa que, por meio de uma decisão mais independente, é possível que haja uma mudança de perspectiva da instituição, deixando o rótulo de depósito para guardar idosos para se transformar em um lugar onde o idoso possa viver com dignidade.

Segundo Graeff (2007), ir para o asilo pode ser um projeto, afinal, o idoso pode renunciar ao espaço doméstico por ter um papel ambíguo e não autônomo no âmbito familiar, e optar por tentar resgatar tal

autonomia no espaço asilar. Ele observa, no entanto que, seja qual for o motivo que leva o idoso para a instituição, haverá um tempo de adaptação e aprendizagem de novos padrões de cultura dentro do novo espaço.

Graeff (2007) aponta, especificamente, para sua pesquisa etnográfica, realizada entre os anos de 2004 e 2005, no asilo Padre Cacique, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ele revela que a diversidade de fenômenos observados serviu como contraponto às explicações sobre instituições totais já prefixadas. Seus questionamentos realmente vão na contramão do eu mortificado, sendo o espaço asilar uma oportunidade privilegiada de viver a tranquilidade pautada no silêncio e na solidão. Esses momentos, ao invés de sugerirem uma velhice passiva, como se a morte fosse vingar a qualquer instante, seria uma chance de afirmar a intimidade. A partir de suas observações, o autor pondera que:

O limite entre o corredor e o jardim, abaixo de um arco, resguardou muitos instantes de intimidade, sempre silenciosos e solitários. Rui, em sua cadeira de rodas, cochilou várias tardes ali durante o inverno, aproveitando o calor do sol em frente à entrada do refeitório. Novamente, para quem olha de fora, esse repouso remetia a imagens da velhice desamparada. Mas foi preciso reconhecer que a solidão e o silêncio costumam andar juntos com a intimidade, proporcionando o repouso necessário à habitação de um espaço privado. E, nesse repouso, constituía-se uma certa autonomia. Era um silêncio a ser interpretado em sua positividade, desde que percebido enquanto um mistério íntimo, muitas vezes carregado de valor social. (Graeff, 2007, p. 18)

Segundo o autor, as explicações sobre a mortificação do eu foram geradas em uma época em que as instituições disciplinares estavam no ápice, entretanto, para ele, não se deve desprezar tais conceitos, mas sim considerá-los criticamente, para que o modelo de instituições totalitárias não se repita.

Com o objetivo de compreender a percepção de moradia dos idosos, Dutra e Rodrigues (2014) fizeram uma pesquisa por meio de uma dinâmica para sensibilização de nove idosos, sendo a análise dos dados realizada de forma qualitativa. A partir da análise, compreendeu-se que, apesar de a maioria dos idosos participantes dessa pesquisa ter optado por viver na ILPIs por desgaste na saúde ou pelo falecimento dos parentes com quem moravam, tal escolha se deu devido ao fato de não haver outra opção de moradia e que, se houvesse, talvez eles não optariam pela instituição. Assim, notou-se, na pesquisa, que o idoso não se sente pertencente a esse espaço e que a maioria não considera ser a instituição seu lar. No entanto, a maior parte deles avalia de maneira satisfatória o fato de residirem na ILPIs, apesar de não desejarem viver nela, demonstrando gratidão pela acolhida e forma de tratamento recebida.

Soares *et al.* (2018), com o objetivo de identificar os sentimentos, as expectativas e a adaptação dos idosos ao processo asilar, a partir do método descritivo qualitativo e da análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas, entrevistaram nove idosos de uma ILPI no Rio Grande do Sul. Algumas questões disparadoras foram: quais eram os sentimentos por eles vivenciados ao serem internados na ILPI? Quais suas expectativas em relação ao futuro e como ocorreu a adaptação à condição de internado na ILPI? Os autores destacam que o envelhecer está diretamente associado à cultura e à história de vida de cada indivíduo, gerando alterações em diferentes momentos e intensidades, segundo características individuais. Em vista disso, os sentimentos vivenciados e a aceitação ou não de residir em uma ILPI varia conforme cada idoso, pois são diferentes as formas de avaliar as situações que se apresentam ao longo da vida. Dessa maneira, enquanto uns encaram o afastamento com naturalidade, outros o aceitam por não haver outras opções (Soares *et al.*, 2018).

Como resultados, os pesquisadores notaram que a maior parte dos entrevistados (77,7%) apresentou boa aceitação em relação à entrada na instituição e a concretização de afetos como satisfação, conforto, esperança e acolhimento pela equipe de profissionais. Tais percepções podem ser destacadas por Soares *et al.* (2018) nas falas: “[...] fui bem-recebida aqui, me sinto bem, estou contente, pois tenho a liberdade de fazer o que eu

quero” (Soares *et al.*, 2018, p. 4); “Me senti bem, porque minha nora era ruim pra mim, aqui me sinto uma pessoa contente, alegre e feliz, canto bastante, passo o dia entretida” (Soares *et al.*, 2018, p. 4). É possível observar, também, através dos relatos da pesquisa, sentimentos ambíguos:

A prefeitura que trouxe nós aqui, a prefeitura, trouxe a minha mãe e eu, eu morava com minha mãe, depois ela ficou doente, né, daí do hospital trouxeram ela para cá, aí nós ficamos aqui, daí quando eu fui ver ela estava morta, morreu na minha frente. Triste, isso, até hoje eu não posso me lembrar. Eu fiquei faceira quando fiquei sabendo que viria, morava só nós duas sozinha, só nós duas. (Soares *et al.*, 2018, p. 4)

Josino *et al.* (2015) enfatizam que a adaptação do idoso ao novo ambiente é capaz de gerar sentimentos positivos e negativos e, uma vez que há um distanciamento progressivo da família, o idoso passa a conviver com outras pessoas, podendo reconstruir outros costumes e hábitos de vida. Soares *et al.* (2018) apontam falas que demonstram a ambiguidade diante da adaptação ao novo lar:

É que aqui eu ganho roupa limpa, comida, as quatro refeições por dia. Tudo na hora certinha sem problema nenhum. Eu gosto, é bom.

Eu senti bastante, porque eu trabalhava para fora então comecei a sentir dores do reumatismo, então tive que parar de trabalhar e vim para cá contrariada, mas eu não iria vir, mas meu irmão me deixou aqui. Quando estou aborrecida, fico mais quieta no meu canto, a gente se sente inútil”; “Eles são muito bons aqui. Cuidam bem, tratam bem a gente, comida boa, remédio na hora. Eu gosto de morar aqui, eu me acostumei aqui, agora se eu ir para casa, acho que não vou acostumar, vou estranhar, porque não vai ter aquele movimento, sabe, é só eu e a mulher daí. (Soares *et al.*, 2018, p. 5)

Compreende-se, por meio da pesquisa de Gomes *et al.* (2016) e Soares *et al.* (2018), que a saída do idoso do seu próprio lar, associada ao distanciamento familiar, pode causar diminuição na qualidade de vida. Mesmo que a ILPI assuma um importante papel, no sentido de atender às necessidades dos velhos institucionalizados, o suporte familiar, as relações vividas em família, o amor e o carinho são fundamentais na vida do indivíduo. O livro de Valter Hugo Mãe, que será apresentado a seguir, aponta os pontos positivos e negativos de viver em ILPIs, tal como se demonstra nas entrevistas realizadas nas pesquisas investigadas.

4.3 A experiência literária em *A máquina de fazer espanhóis*

Antes de tecer considerações a respeito do livro, é importante destacar que Mãe (2016) opta por escrever em letras minúsculas em toda a obra, evidenciando sua licença poética para dizer de uma experiência de vida que flui sem regras gramaticais. Pode-se perceber, através da experiência literária, um modo de experimentar a instituição de longa permanência para idosos na vivência relatada por Antônio Jorge da Silva (será chamado por Silva) que, após perder a esposa, Laura, passa a viver em um lar de velhos. A decisão por ir para o Lar da Feliz Idade partiu da filha de Silva, visto que, segundo ela, Silva não poderia morar sozinho ou que não havia espaço para ele no ambiente familiar, revelando, de certo modo, um tom de abandono, afinal, Silva não pode decidir de outra maneira. Tal experiência revela semelhança nos achados de alguns estudos citados acima, que mostram que a institucionalização pode desvelar tensões diante da existência.

Silva inicia relatando: “a Laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. Foi o que fizeram” (Mãe, 2016, p. 37). Aqui, pode-se pensar sobre os motivos pelos quais as pessoas mais velhas se mudam para as ILPIs e vários são os motivos que levam a família ou os velhos a procurarem pelos cuidados de uma instituição, dentre eles: o fato de, em idade avançada, a pessoa apresentar limitações físicas e psíquicas que o impede de gerenciar seu próprio domicílio; quando ele não possui cônjuge/companheiro, portanto, a solidão se faz presente; a impossibilidade dos filhos em conciliarem

as atividades laborais e pessoais com os cuidados no ambiente doméstico; por dificuldades de relacionamento com os demais membros da família; pela presença de patologias de caráter orgânico, que resultam em incapacidades, tanto motoras como cognitivas. Tais fatores se constituem em um importante motivo para que a família busque uma instituição que ofereça, além de moradia, recursos humanos capacitados para atender e prestar os cuidados necessários ao idoso (Ipardes, 2008; Perlini *et al.*, 2007; Bessa; Silva, 2006). Ao mesmo tempo, pode-se pensar que cuidar daquele que envelhece no espaço familiar pode ser trabalhoso, mostrando que o velho atrapalha a dinâmica da família, afinal, impõe enfrentamentos desafiadores e reestruturação dos papéis familiares, como afirma Leandro (2020).

Voltando à maneira como Silva se sentia com relação à ida para a instituição, ele relata sobre o quarto:

o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício. pus-me a olhar para o chão com ar de entregue. estou entregue, pensei. aos meus pés, os dois sacos de roupa e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um idoso, é, de facto, igual a uma criança. o choque de ser assim tratado é tremendo e, numa primeira fase, fica-se sem reação. (MÃE, 2016, p. 38)

Nota-se, através da fala expressa por Silva, que os lares para pessoas idosas, bem como aqueles que lá trabalham, carregam o estigma do velho decadente e infantilizado, trazendo à tona a concepção do envelhecimento negativo. Tal questão se mostra perceptível na maneira como Silva descreve o olhar da enfermeira, assim como com o próprio modo como ele se qualifica – “estou entregue” –, e na disposição do quarto, como se não houvesse mais vida, liberdade, sensação de controle e autonomia.

Gawande (2015), em seu livro intitulado *Os mortais*, diz que não é a morte que a maioria das pessoas idosas temem, mas sim o que acontece antes dela: uma vida debilitada demais para viver sem independência. Esse autor ainda reforça que as casas de idosos modernas surgiram baseadas na ideia de que envelhecer é o mesmo que decair biológica, cognitiva e socialmente, um problema médico. Logo, torna-se compreensível o olhar para as pessoas que chegam nos lares ou ILPIs.

O senhor Silva percebe tais olhares que o veem como incapaz por ali estar. Seus amigos o alertam a resistir a tal movimento: “senhor silva, não seja tolo, que eles ficam à espera que não pensemos, mas se deixarmos de pensar estamos enterrados!” (MÃe, 2016, p. 42). Deixar de pensar significaria se deixar levar pelas normas e regras, em um movimento constante de perda de contato com ele mesmo em seus anseios e necessidades. O alerta dos amigos realça a vida que ainda pulsa, a existência que se faz a cada segundo como acontecimento e presença. Silva, então, revela seu impulso de existir, resguardando a sua autonomia, e resistir às tentativas de torná-lo dependente.

gosto desta maldade, não podemos ficar velhos e vulneráveis a todas as coisas, temos de nos rebelar aqui e acolá, caramba, temos de estar a postos para alguma retaliação, algum combate, não vá o mundo pensar que não precisa de tomar cuidado com as nossas dores. (MÃe, 1972, p. 87)

Silva demarca seu lugar de comando, de existente que exige respeito pelo que o afeta. Percebe-se, na leitura, que Silva fazia questão de se mostrar como alguém ainda autônomo e independente, como alguém que deveria se mostrar diferente daqueles que residem nas ILPIs. Afinal, não se sentia pertencido naquele espaço. Assim ele diz:

desci para jantar. quis descer pelas escadas largas, não estava ainda inválido para coisa nenhuma e seria um orgulho parvo mostrar-lhes isso, mas era importante que soubessem. talvez seria um modo de dizer que os meus filhos se haviam antecipado no tempo de me arquivarem àqueles cuidados. (MÃe, 2016, p. 41)

Destaca-se, aqui, a atenção para a palavra “arquivarem”, enaltecendo o caráter de inutilidade quando algo não é mais funcional.

Silva demonstra, em primeiro momento, uma tristeza e uma reflexão profunda sobre o novo mundo que a ele se mostrava: medo de ver os demais velhos que ali estavam e se projetar nessa possibilidade, nas palavras dele, “mais decadentes e acabados do que eu, e não querer imediatamente fazer parte daquilo” (Mãe, 2016, p. 41). Silva ressalta seu sofrimento e, também, a percepção do sofrimento dos outros, dizendo que logo que o médico da instituição o viu chegar no refeitório

[...] instigou alguns hóspedes a aplaudirem a minha chegada. [...] não soube como agradecer e se era de agradecer tal coisa. entrava daquele modo no ciclo dos últimos, ali regozijando por saberem que não estavam sozinhos e que alguém mais sofria o mesmo. (Mãe, 2016, p. 41)

De algum modo, Silva parece saber que ali seria seu último local de vida.

O modo como Silva se sente, e o desejo de matar aquele instante de primeiro contato com a instituição, é declarado por trechos, tais como:

naqueles primeiros tempos eu não me acalmava com coisa alguma, ficava maligno por dentro a embater contra as paredes do meu cérebro [...] seria decente que cada um de nós tivesse um dispositivo de expiração instantânea que nos pudesse anular para sempre da existência [...]. (Mãe, 2016, p. 51)

Silva revela, também, seu temor pela solidão, mesmo estando rodeado por outros: “tenho medo de ficar para aqui ainda mais sozinho do que estou. você não está só, homem, aqui, somos muitos e sentimos todos exatamente aquilo que você sente, respondeu-me. e eu me calei (Mãe, 2016, p. 64).

Angustiado, Silva se fecha em seu mundo, silenciando-se por alguns dias. Ele conta que foi no sexto dia que ele proferiu a primeira palavra no lar, diante de pessoas que viriam a ser amigos importantes para ele, o senhor Pereira, o Esteves sem metafísica e o senhor Américo. Por meio de relatos dos momentos em que se colocavam a tomar um sol, é possível perceber o seu encontrar-se com amigos e com prosas gostosas e divertidas em que ele pôde sorrir verdadeiramente

sorri verdadeiramente como nunca até ali naquele lar. e o senhor pereira olhou pra mim radiante e afirmou num triunfo, isto sim, agora, é o lar da feliz idade.

o lar da feliz idade se chama o matadouro para onde fui metido. que irônico esse nome e só então me ocupava o pensamento. o esteves sem metafísica ali contente de sentimento tão genuíno [...] era uma novidade que, sobretudo no meu estado para morto, continha uma energia de vida radical e inesperada. caramba, com oitenta e quatro anos, um homem ainda pode ficar deslumbrado e todo incrédulo [...]. (Mãe, 2016, p. 66-67)

Uma vez realizada a transferência para a ILPI, seja pelos familiares ou pelo próprio idoso, ele se vê compelido a reconstituir seus vínculos, a buscar formas de viver o cotidiano, sem contar com a rede de apoio familiar. O idoso pode ser forçado a aprender a conviver com aqueles totalmente desconhecidos, após longa trajetória de vida com aqueles com quem mantinha laços de amizade e consanguinidade, abandonando seu estilo de vida pessoal (Bessa; Silva, 2006).

Aos poucos, Silva experiencia aquele espaço de outra forma, abrindo-se para as relações. E parece perceber, através do contato com os outros, aspectos surpreendentes da própria existência. Ele desvela:

[...] precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia. este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos. e eu que nunca percebi essas amizades, nunca esperei nada de solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro, eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. (Mãe, 2016, p. 243)

Silva conclui, então, ainda com dor, mas uma dor saudosa que:

a laura não sobrevivera para aquele dia, mas queria que eu aproveitasse. Foi a primeira vez que isso se encaixou na minha cabeça, decorridos quase cinco meses da sua morte. a minha laura queria o meu bem, queria que eu ficasse ali encantado com aquela descoberta [...]. (Mãe, 2016, p. 69)

Silva revela vivenciar momentos de grande alegria, puro afeto e cumplicidade com os seus. Em uma das narrativas ele trata do aniversário do amigo Esteves. Nas palavras dele:

[...] o colega silva punha-se de bicos de pés e queria que cantássemos. O américo pediu para que fosse baixinho, não podia-se fazer muito barulho na casa de velinhos, mas o colega silva dizia, lá vamos, cantando e rindo, e começaram todos a barafustar e o esteves não sabia muito bem o que dizer. estava à espera que dispersassem para partir o bolo e refazer-se da surpresa. ó amigo esteves, dizia o senhor pereira, então achava que não lhe fazíamos uma festa você parece não conhecer os amigos que tem. [...] começamos todos a fazer muito barulho e cantar mais alto e a bater mais palmas e a fazer uma festa com a euforia possível pelos cem anos do esteves. (Mãe, 2016, p. 140-141)

E ainda completa, no dia seguinte, percebendo que Esteves cumprira seus cem anos e um dia: “[...] o esteves tinha feito cem anos e amanhecera a rir... eu e o américo estávamos extasiados com a maravilha daquele acontecimento. Sim, acontecem coisas mirabolantes neste mundo [...] (Mãe, 2016, p.153). Tais palavras de Silva revelam parte das grandes surpresas e sensações que ele vivenciou em meio aos seus amigos.

Nota-se que tais relações provocaram Silva para uma possibilidade de existência nunca percebida, visto que era presente na vida de Laura através de um posicionamento submisso e cumpridor do dever moral de esposo, apenas. No seu relato, Silva mostrava que ele e seus amigos “[...] éramos velhos tolos, a trazer para a tolice da vida, uma vida qualquer” (Mãe, 2016, p.).

[...] fôssemos uma família, uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem parentesco no sangue, apenas no destino de distribuirmos a solidão uns pelos outros. distribuída assim, a solidão de cada um entregue ao outro, era tanto quanto família. era uma irmandade de coração. uma capacidade de ser leal como nenhuma outra. estendi a mão ao silva da europa e disse-lhe, e o américo, o américo também, que é meu amigo. (Mãe, 2016, p. 250)

Silva, enfim, demonstra elementos que marcam o atravessamento dele pela vida que o acontecia, e mostra sua satisfação pelos amigos que encontrou.

5 Conclusão

Diante do caminho percorrido, nota-se que as experiências da institucionalização não podem ser percebidas de uma única forma, ou seja, não podem ser reduzidas em explanações simplórias e generalistas, significando a experiência de um ou outro modo, apenas. Qualquer redução nesse sentido mostra-se problemática.

Sabe-se que, tornar-se velho, pode ser entendido como um processo dinâmico e progressivo, caracterizado tanto por alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas, quanto por modificações psicológicas. Logo, é um processo multideterminado, influenciado por diversos aspectos, não apenas pela idade, mas, em grande medida, pelo modo como o indivíduo vive em determinado momento histórico, bem como no modo como o processo de institucionalização da velhice é posicionado e compreendido.

Estar e morar em uma ILPI conduz a uma experiência que se mostra tensionada por vários afetos, dentre eles, solidão, encontros, insatisfação, satisfação, abandono, reflexão, ressignificação, cuidado, esperança, inutilidade, tristeza, distanciamento, aproximação, alívio, alegria e sobrevivência, de forma a mobilizar a existência, uma vez que, tomados pelo afeto, somos convidados a colocar nossa vida em questão, como mostrado, também, por outros autores, como Reis (2018), Dutra e Rodrigues (2014) e Soares *et al.* (2018).

Pode-se dizer, então, que há várias experiências singulares frente à institucionalização. Diante disso, é importante pensar no horizonte histórico em que ela acontece, logo, há um convite que impulsiona a pensar sobre o contexto de surgimento das ILPIs, na estigmatização desses locais, na imagem negativa da velhice, na sua marginalização, na falta de fiscalização dessas moradias, na falta de investimento diante do envelhecimento, nas desigualdades sociais, na falta de preparo de muitas ILPIs para o acolhimento dos velhos, dentre outras questões.

Sabe-se, também, que há perguntas anteriores ao processo de institucionalização, que precisam ser investigadas e que merecem um debruçar-se sobre elas, tais como colocar em questão o distanciamento familiar, os critérios para procurar uma nova moradia, a oferta de modelos de moradias disponíveis, o preparo de tais locais para ofertar um lar para os velhos, como se dá a experiência de não poder escolher, enquanto outros decidem pelo próprio destino. Enfim, várias são as perguntas que atravessam o caminhar pela velhice e pela institucionalização e que merecem um olhar atento em futuros trabalhos.

É importante lembrar que muitas ILPIs reproduzem um modelo médico de sobrevivência biológica, distante da concepção da existência como multidimensional, ou seja, que, para além do biológico, precisa de atenção para o existente em seu caráter de possibilidades em diferentes aspectos: espiritual, social e psicológico. Nesses termos, as ILPIs que se firmam em seu único propósito de acolhimento a velhos fragilizados tendem a romper com as relações, encontros, afetos e continuidade da existência de maneira livre e saudável.

Com este estudo, à medida em que se prescindiu de julgamentos apriorísticos acerca das instituições de moradias para velhos, pode-se acompanhar as experiências relatadas em várias outras pesquisas. Em alguns relatos, foi possível observar que a experiência de viver em um lar de velhos trouxe elementos felizes e inovadores. Em outros, a experiência trouxe estranhamento e solidão. Destaca-se a vivência de Silva em um local que, em um primeiro momento, se lhe apresentou como sombrio e nebuloso para, depois, ser um espaço de pertença, descoberta e vida, que permitia a vivência de uma certa liberdade, favorável aos encontros e laços afetivos, portanto, da continuidade da vida como lhe era possível.

Com essa investigação, assinala-se outros modos de pensar o percurso às ILPIs, para além das formas estigmatizadas herdadas daquilo que acontecia no século XVIII para o acolhimento dos velhos. É possível concluir que os estudos sobre as formas de lidar com o envelhecimento, bem como as adaptações que se fazem necessárias para manter vivo o compromisso com a dignidade da pessoa frente ao viver e ao morrer, devem se alinhar com a realidade social e política de cada tempo, assim como deve considerar as condições singulares daquele que está envelhecendo.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução RDC nº. 283 que Aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos. **Diário Oficial da União**, seção 1. Brasília, DF, 2005.

BESSA, Maria Eliana Peixoto; SILVA, Maria Josefina da. Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: Um estudo de caso. **Texto Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 258–265, 2006.

BRASIL. Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 1994.

COSTA, Maria Carla N. S.; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.16, n. 2, p. 209-222, 2013.

CREUTZBERG, Marion; GONÇALVES, Lucia Hisako Takase; SOBOTTKA, Emil Albert. Instituição de longa permanência para idosos: a imagem que permanece. **Texto Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 273-279, 2008.

DUARTE, Lidiane Mendes Nazareno. O processo de institucionalização do idoso e as territorialidades: espaço como lugar? **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 201-217, 2014.

DUTRA, Nathália dos Santos. **Fazeres cotidianos e administração da Instituição de Longa Permanência para Idosos: encontros e desafios**. 2017. 185 f. Tese (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais, 2017.

DUTRA, Nathália dos Santos; RODRIGUES, Adriana Guimaraes. Percepções de idosos residentes em ILPIs sobre a moradia na instituição. In: **ANAIS DO XIII CONGRESSO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E ACADÊMICA**, Universidade Federal de São João del Rei, MG, 2014.

FEDERAL, S. **Estatuto do idoso**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2003.

FEIJOO, Ana Maria Lopes C. **Existência & psicoterapia**: da psicologia sem objeto ao saber fazer na clínica psicológico existencial. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

FEIJOO, Ana Maria Lopes C. **Suicídio**: entre o morrer e o viver. Rio de Janeiro: IFEN, 2021.

GAWANDE, Arthur. **Mortais**: nós, a medicina e o que realmente importa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

LIMA, Ana Priscila Marques; GOMES, Karen V. L.; FROTA, Natasha M.; PEREIRA, Francisco G. F. Qualidade de vida sob a óptica da pessoa idosa institucionalizada. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 14-19, 2016.

GRAEFF, Lucas. Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 11, p. 9-27, 2007.

GROISMAN, Daniel. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudo interdisciplinar envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 67-87, 1999.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Instituições de longa permanência para idosos**: caracterização e condições de atendimento. Curitiba, 2008.

JOSINO, Jeanne Batista; COSTA, Raquel B.; VASCONCELOS, Thiago B.; DOMICIANO, Bruno R.; BRASILEIRO, Ismênia C. Análise do estado de funcionalidade de idosos residentes em uma instituição de longa permanência. **Rev. Bras. Promoção Saúde**, Fortaleza, v. 28, n. 3, p. 351-360, 2015.

JUSTO, José Sterza; DA SILVA ROZENDO, Adriano. A velhice no Estatuto do Idoso. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 471-489, 2010.

LEANDRO, Vanessa Leopoldo. **Os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas pelo cuidador principal do idoso dependente no contexto familiar**. 2020. 27 f. TCC (Graduação e especialização em Psicologia) - Unisul, Tubarão, 2020.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Azul, 2016.

REIS, Camila Calhau Andrade. **O sentido de ser-pessoa-idosa vivendo em instituição de longa permanência à luz da fenomenologia Heideggeriana**. Tese 2018. 117 f. (Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.

MOTTA, Alda Britto. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo, um projeto de política de saúde**. Madrid: OMS, 2019.

PERLINI, Nara Marilene; LEITE, Marinês Tambara; FURINI, Ana Carolina. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 229-36, 2001.

SILVA, Henrique Salmazo; MENDONÇA, Adailton Almeida; GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. Instituição de Longa Permanência para Idosos: Relato histórico e cuidados centrados no indivíduo. In: **Morar 60 anos mais**: revolucionando a moradia em face da longevidade. E-book, 2018. p. 135-147.

SOARES, Narciso Vieira; [CORRÊA, Bianca Rafaela da Silva](#); [FONTANA, Rosane Teresinha](#); [BRUM, Zaléia Prado de](#); [GUIMARÃES, Carine Amáble](#); [SILVA, Alessandra Frizzo da](#); [RODRIGUES, Francisco Carlos Pinto](#). Sentimentos, expectativas e adaptação de idosos internados em instituição de longa permanência. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 22, e-1124, 2018.

SOBRINHO, Marcelo Henrique de Jesus Flores; OSÓRIO, Neila Barbosa. A interpretação da velhice da antiguidade até o século XXI. **Nova Revista Amazônica**, Manaus, v. 9, n. 1, p. 175-187, 2021.

SOUSA, Irene Cardoso. A pessoa idosa excluída da rede e da política de saúde mental no Brasil e na África, seja na ILPI ou no hospital psiquiátrico: internamento até a morte. **Anais XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha. Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada. **Jornal da Universidade Federal do Pará**, Pará, v. 4, p. 77-86, 2003.

SPOSATO, Karyna Batista; DE MORAIS, Douglas Faria; LAGE, Renata Carvalho Martins. Vulnerabilidade e envelhecimento: um estudo das Instituições de Longa Permanência em Sergipe. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 212-230, 2019.

TOMASINI, Sergio Luiz Valente; ALVES, Simone. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **Revista Brasileira de Ciência do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, v. 4, p. 88-102, 2007.

Submissão: 04/05/2023

Aceite: 29/02/2024

Como citar o artigo:

DUTRA, Nathalia dos Santos; PROTASIO, Myriam Moreira; FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. et al. Entre estigmas e possibilidades: Ser Velho nas Instituições de longa permanência para idosos. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, e132304, 2024. DOI: 10.22456/2316-2171.132304

